

COMPANHIA DA CHANCA

Chanca, 3230-540, Penela

<https://www.companhiadachanca.pt>

Chanca, 4 de dezembro de 2020

Exmos. Srs.,

A Companhia da Chanca, associação cultural, exerce a sua atividade num território de baixa densidade populacional do interior do país e trabalha para a criação de objetos artísticos e atividades culturais de qualidade, capazes de conversar com as populações locais, sem prejuízo da sua significância artística e universal. Trabalha num território onde a oferta cultural é esporádica e rara e a curadoria praticamente inexistente, para um público em fase de iniciação ou mesmo pré-iniciação. Através da circulação nacional e internacional das suas obras, a Companhia da Chanca leva a discussão sobre a coesão territorial para uma esfera global.

No seguimento da divulgação dos Projetos de Decisão do Programa de Apoio a Projetos da DGArtes de 2020 nas categorias de Programação e Desenvolvimento de Públicos e Criação e Edição, aos quais a Companhia da Chanca concorreu e não recebeu apoio, escrevemos esta carta, não com a intenção de colocar em causa a pontuação do júri, mas sim para questionar a visão e a política cultural para os territórios do interior à luz da coesão territorial.

Encontramo-nos a atravessar este momento histórico de pandemia que deveria ser uma chamada para a ação da classe artística portuguesa no sentido de contribuir com soluções criativas, transversalmente integradas no tecido social e assumindo ativamente o papel vital da Arte na sociedade. Ao invés, encontramos um Ministério da Cultura em negação do problema, insensível ao grau de incerteza atualmente vivido e tão profícuo à inovação, como tão bem nos demonstra a História, perdendo-se assim a oportunidade de criar objetos em relação e com ação concreta sobre os atuais e reais contextos de vida das populações. Prova disso é o grau de detalhe e assertividade no aprofundamento conceptual e articulação de ideias e ações pedido na candidatura que incita a uma formalização estanque e sensaborona dos projetos, quando sabemos que os processos criativos livres podem e devem ser dinâmicos e reativos aos contextos.

Lamentavelmente, não faz parte da prática artística da Companhia da Chanca pensar as suas ações, num qualquer estúdio ou escritório, longe do seu público e dos seus

parceiros, sem estar em relação com estes, num processo sério de descoberta e cocriação.

Lamentavelmente, foram distribuídos apenas 4% dos fundos disponíveis para o Apoio a Projetos de Criação e Edição para 2021 para a região Centro onde vive 23% da população nacional e 72% dos fundos para a Área Metropolitana de Lisboa onde vive somente 28% da população.

Lamentavelmente, a Companhia da Chanca não entende o trabalho artístico como uma mera ferramenta ao serviço da Inclusão ou da Educação, resumindo a sua intervenção na comunidade a ações com grupos de pessoas institucionalizadas sem que a sua apetência ou motivação para as integrar seja fruto da oportunidade da sua escolha consciente, mas somente do desespero e extrema solidão face à falta de respostas sociais.

Lamentavelmente, a Companhia da Chanca é reverente face a uma população ativa que apesar de não ter igualdade de acesso à arte e à cultura, não lhe retira, porém, a sensibilidade ao belo, a capacidade de sentir e pensar, a propriedade da sua identidade.

Lamentavelmente, a Companhia da Chanca acredita que as populações do interior têm o direito a desenvolver-se de acordo com as suas necessidades, ritmos e curiosidades ao invés de serem única e exclusivamente “colonizadas” por objetos e ações desenhadas fora do seu contexto e que podem até sabotar de forma indelével o seu amadurecimento enquanto público.

Lamentavelmente, a Companhia da Chanca não compreende um Governo que por um lado reconhece as assimetrias vividas no território e por outro não convoca uma política cultural adequada, sabendo que a cultura é um dos aspetos fundamentais para a fixação da população no território.

Lamentavelmente, o projeto de criação da Companhia da Chanca candidato ao programa de apoio a projetos de 2020, intitulado S.Ó.S – sobre a Solidão e a Urgência das comunidades do interior, “carece de um foco mais assertivo na relação conceptual do projeto em função da articulação com a comunidade” (parecer do júri do Programa de Apoio a Projetos de Criação e Edição de 27/11/2020).

Lamentavelmente, o percurso iniciado pela Companhia da Chanca há cinco anos atrás, financiado pela DGArtes pela primeira vez no ano passado, ficará interrompido sem a continuidade do apoio, o que demonstra, a ausência de uma perspetiva de investimento a longo prazo.

É com reverência que os artistas que fazem parte da Companhia da Chanca, residem no território onde atuam e estão por isso em constante relação de proximidade com o seu público e instituições. Ao estarem intrinsecamente implicados nos vários setores da sociedade da qual fazem parte, os artistas têm a oportunidade de agir com ela na cocriação de uma sociedade mais saudável, culta e pensante. Neste contexto, apoiar uma dada criação artística ou programação ultrapassa o objeto ele mesmo e convoca, de forma global e integrada, todos os setores de uma sociedade ao serviço do Bem Comum. É entre um galão e uma sandes de queijo do Rabaçal que a comunidade começa, espontaneamente, a discutir sobre Arte no Café Bonito. Não é à hora do *drink*, na livraria temática, nem no *foyer* do teatro, porque aqui não há nem livrarias, nem teatros. Acreditamos, seguramente tal como vós, que ambas as discussões são importantes. Vós, que estais no cimo do vosso Palácio da Ajuda, tendes a oportunidade e o dever de tomar ações significativas e férteis em vez de vos cingirdes a enviar pazadas de cultura para terras desertificadas que estão a morrer aos poucos. “O país é como um corpo, um organismo vivo, se um órgão para, o corpo entra em crise.” (Rodrigues, 2012)

Face ao acima colocado e aproveitando para referir que nada do conteúdo aqui exposto está ao abrigo de qualquer critério de confidencialidade, vem a Companhia da Chanca:

- i) convidar Vossas Exias. a visitar-nos e conhecer o nosso trabalho, aprendemos com os nossos vizinhos a ter os portões sempre abertos;
- ii) pedir esclarecimento sobre quais as linhas de apoio de âmbito nacional disponíveis que mais se adequam ao trabalho de serviço público que indiscutivelmente prestamos;
- iii) questionar o que é que falta para que as intenções tão apregoadas pelo governo para estimular o desenvolvimento do interior estejam em consonância com as suas efetivas ações; algures, entre a oralidade e a realidade, perdemo-nos.

Com toda a estima e consideração, votos de saúde e de trabalho inspirado,

A direção artística da Companhia da Chanca,
André Louro e Catarina Santana